

Variação linguística no português quinhentista: contração entre *com* e *o(s)* na *Peregrinação*

Linguistic variation in sixteenth-century portuguese: contraction between *com* and *o(s)* in *Peregrinação*

César Nardelli Cambraia¹ 

E-mail: nardelli@ufmg.br

Ramon Cunha Sampaio Leite¹ 

Email: ramoncunhasl27@outlook.com

¹Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Resumo

O presente estudo enfoca o comportamento linguístico da sequência *com* + *o(s)* no português quinhentista da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Foi analisado o uso das variantes masculinas não contrata – *com o(s)* – e contrata – *co(s)*. Do ponto de vista teórico, o estudo se baseou na teoria da variação laboviana, e, do ponto de vista metodológico, analisou seis variáveis independentes (número do segundo elemento, classe de palavra do segundo elemento, função sintática do sintagma preposicionado, estrutura do sintagma nominal interno ao sintagma preposicionado, primeiro fonema após o segundo elemento e localização na obra). Apenas três dessas variáveis foram selecionadas como estatisticamente significativas no condicionamento da variação entre forma não contrata e contrata: a segunda, a terceira e a quarta. Verificou-se, portanto, a importância de fatores morfossintáticos no condicionamento desse caso de variação linguística.

Palavras-chave

Variação Linguística, Língua Portuguesa, Fonética Sintática, Português Clássico.

Editores-chefes

Marcus Soares
Célia Lopes

Recebido: 26/07/2023

Aceito: 27/08/2023

Como citar:

CAMBRAIA, César Nardelli; LEITE, Ramon Cunha Sampaio. Variação linguística no português quinhentista: contração entre *com* e *o(s)* na *Peregrinação*. *Revista LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, e59885, 2023. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v9i2.59885>

Abstract

The present study focuses on the linguistic behavior of the sequence *com + o(s)* in sixteenth-century Portuguese in the work *Peregrinação*, by Fernão Mendes Pinto. The use of the masculine variants not contracted – *com o(s)* – and contracted – *co(s)* – was analyzed. From a theoretical point of view, the study was based on the Labovian theory of variation, and, from a methodological point of view, it analyzed six independent variables (number of the second element, word class of the second element, syntactic function of the prepositional phrase, structure of the noun phrase internal to the prepositional phrase, first phoneme after the second element and location in the work). Only three of these variables were selected as statistically significant in conditioning the variation between not contracted and contracted forms: the second, the third and the fourth. Therefore, the importance of morphosyntactic factors in conditioning this case of linguistic variation was verified.

Keywords

Linguistic variation. Portuguese Language. Syntactic Phonetics. Classical Portuguese.

INTRODUÇÃO

Reconhece-se modernamente que a variação linguística é constitutiva de toda língua humana natural. Justamente por isso, compreender os fenômenos de variação é essencial para a construção de uma teoria da linguagem adequada. No português quinhentista, constata-se um caso interessante de variação linguística, como se pode ver pelos dados abaixo, extraídos da obra *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto:

- (01) [...] porem elles & eu *cõ os* quarenta Portugueses, todos hiamos a pé por ser assi seu costume [...] (Pinto, 1614, f. 300rb15-17, grifos nossos).
- (02) [...] nos fomos com elle & *cos* quarenta Portugueses ao aposento onde a Princesa viuia [...] (Pinto, 1614, f. 5ra18-20, grifos nossos).

No dado em (01), verifica-se que a preposição *com* (grafada *cõ*) ocorre separada do artigo definido *os*, mas, no dado em (02), esses dois elementos aparecem contraídos na forma *cos*. A fim de compreender melhor esse processo de variação, apresenta-se aqui um estudo sobre o comportamento linguístico da forma *com* seguida da(s) forma(s) *o(s)* na referida obra. Esta proposta tem em vista o fato de que raros são os estudos sobre o português clássico (período que abrange a 2ª met. do séc. XVI e o séc. XVII) no campo dos estudos da história da língua portuguesa, embora seja época bastante contemplada por estudos no campo literário.

Revisão da literatura

Formas contratas

No curso da história da língua portuguesa, constituíram-se diversas formas decorrentes da contração de dois elementos independentes em um único. No português moderno, as gramáticas registram formas combinadas de preposição e artigo definido — *ao(s)/à(s) < a + o(s)/a(s)*, *do(s)/da(s) < de + o(s)/a(s)*, *no(s)/na(s) < em + o(s)/a(s)* e *pelo(s)/pela(s) < por (per) + o(s)/a(s)* — e de preposição e artigo indefinido — *num(ns)/numa(s) < em + um(ns)/uma(s)* e *dum(ns)/duma(s) < de + um(ns)/uma(s)* (Cunha; Cintra, 1985, p. 201-203)¹. Em épocas pretéritas, no entanto, outras combinações também eram registradas na escrita, tais como *co(s) < com + o(s)*, *sobolo < sobre + o*, *cum/cũa < com + um/ũa*, que Tavares (1941, p. 47 e 50) registrou em Camões.

Especificamente em relação à forma *co(s)*, Nogueira (1960, p. 146-147), em estudo sobre a língua de Camões, discute essa questão no verbete reservado à eclipse, fenômeno de “supressão do *m* final da prep. *com*, diante do artigo ou pronome demonstrativo *o*, *a*, *os*, *as* e do indefinido *um*”. Assinala ademais que “[n]a linguagem de hoje, tais aglutinações só existem no colóquio e mais em Portugal do que no Brasil. Fora da poesia, a preposição se escreve na integridade da sua forma, com *m* final.” (Nogueira, 1960, p. 147).

É importante ressaltar que os padrões são distintos se se trata de segundo elemento (artigo definido ou demonstrativo) no masculino ou no feminino. No caso do masculino, há dois fenômenos em ação: um primeiro, a eclipse — *com + o(s) > co + o(s)* —, e um segundo, o sândi externo — *co + o(s) > co(s)*. Já no caso do feminino, haveria apenas o primeiro — *com + a(s) > co + a(s)* —, pois, em relação ao artigo definido, os registros antigos não apresentam uma forma sem a vogal final desnasalizada da preposição, forma esta que seria **ca(s)*, havendo, no entanto, apenas *co a(s)* ou *coa(s)*.

Para se ter uma ideia geral da distribuição entre formas não contratas e contratas relativas a *com* e *o(s)* na história do português, apresentam-se aqui dados que foram coletados a partir da base *Corpus do Português*²:

¹ Convém chamar a atenção para os fatos de que (a) as preposições são uma categoria bastante complexa no português e (b) não apresentam todas exatamente o mesmo comportamento. Assim, por exemplo, a preposição *com* apresenta idiosincrasias como a contração peculiar com pronomes pessoais oblíquos (*comigo*, *contigo*, *consigo*, etc.). É bem possível, portanto, que o fenômeno da contração se comporte de maneira bastante diferenciada segundo a natureza da preposição.

² Na organização dos dados, fizeram-se aqui duas retificações: os dados do *Livro da Montaria* foram contabilizados no séc. XV (e não no séc. XVIII) e os da *Peregrinação* no séc. XVI (e não no séc. XVII), pois se adotou aqui como referência a data da composição da obra (e não de cópia/impressão). Base disponível em: <http://corpusdoportugues.org/>.

Tabela 1 – Distribuição de formas não contratas e contratas para a sequência *com* + *o(s)* na base do *Corpus* do Português.

	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
Forma não contrata	79 (98,75%)	1067 (99,72%)	2469 (99,72%)	5224 (84,97%)	3560 (99,14%)	3113 (99,78%)	18808 (99,61%)	39657 (99,99%)
Forma contrata	1 (1,25%)	3 (0,28%)	7 (0,28%)	924 (15,03%)	31 (0,86%)	7 (0,22%)	74 (0,39%)	3 (0,01%)

Os dados da **Tabela 1** permitem ver que a forma contrata *co(s)* é típica do séc. XVI, embora seja constatada marginalmente nos demais séculos. No caso das formas no singular, a existência ou não de forma contrata é difícil de ser determinada, pois, especialmente entre os sécs. XIII e XV, a eclipse não era rara, havendo, então, contextos em que não se sabe com segurança: (a) se se trata de preposição com eclipse apenas e sem contração do artigo; ou (b) se se trata de preposição com eclipse e com contração. Quando se trata de forma no plural, essa ambiguidade não existe e, nesse contexto, só há dados de forma contrata do séc. XV em diante. Nos dados do séc. XVI, as formas contratas verificadas na base de dados em questão referem-se, em grande parte (91,7%), conjuntamente às obras de Garcia de Resende (1470-1536), Fernão Mendes Pinto (*ca.* 1510-1583) e Camões (*ca.* 1524-1580), estando as do primeiro e do terceiro em verso e a do segundo em prosa. Como se trata de dados de língua escrita, deve-se ponderar que a baixa frequência na documentação da forma contrata em certos séculos pode ser, na verdade, fruto de uma convenção da escrita, ou seja, da opção por não representar por escrito um fenômeno quase milenar da língua falada. Nesse caso, a documentação revelaria, portanto, não a existência ou não do fato na língua da época, mas antes a idiosincrasia de se praticar uma escrita com maior permeabilidade à representação desse fato da língua falada.

Fernão de Oliveira (1507-1581), no cap. 43 de sua gramática de 1536, faz referência à forma contrata *co*:

no. do. polo. *e* co: são compostos ou juntos. do. quando significa de. o. como venho do estudo. venho do paço. *e* polo quando [s]ignifica por. o. como por o amor de deus. *e* no por *em*. *o. e* co. por *com*. *o. e* anto por *ante* o meu deus. (Oliveira, 1536, f. D8r, l. 13-16).

Um aspecto interessante que se verifica, comparando os dados da **Tabela 1** com outro fenômeno, é que a intensificação da presença da forma contrata *co(s)* ocorreu em época semelhante à em que se intensificou a presença da forma contrata (ou aglutinada) composta de demonstrativo e indefinido *outro* (como *estoutro*, *essoutro*, *aqueleoutro*), ou seja, no séc. XVI (Cambaia; Ramalho; Stradioto, 2011, p. 39). Parece tratar-se de um processo mais geral envolvendo mudança rítmica na língua

portuguesa, mas chama a atenção o fato de que esses dois processos se manifestaram *antes* do processo de redução de átonas finais do português europeu, ocorrido aproximadamente no séc. XVIII segundo Teyssier (1993, p. 56-60). Se, por um lado, a forma contrata *co(s)* não alcançou mais de 15% em seu pico no séc. XVI e apresentou frequência relevante só mesmo nesse século (com base nos dados da [Tabela 1](#)), já a forma contrata de demonstrativo e indefinido *outro* foi fortemente majoritária entre os sécs. XVI, XVII e XVIII (respectivamente, 72,8%, 84,5% e 91%)³, estando seu pico nesse último século (Cembraia; Ramalho; Stradioto, 2011, p. 39), ou seja, esse pico se deu justamente na época da redução das átonas finais, mas os dados sugerem que, talvez, a redução tenha começado antes e justamente por isso ocorreu a intensificação de formas contratas de maneira geral.

Como se viu acima, a emergência da forma contrata *co(s)* na história do português está relacionada a dois fenômenos: *eclipse* e *sândi externo*. Por isso, convém retomar também esses dois temas na presente revisão.

Eclipse

Segundo Câmara Jr. (1985), a eclipse é

o metaplasmo [...] que consiste na supressão da ressonância nasal [...] de um vocábulo, a fim de fazer-lhe a sinérese [...] ou a crase [...] com uma vogal imediatamente seguinte [...]. Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba [...], e só as sílabas terminadas por vogal oral são propriamente livres e se prestam à crase ou sinérese. A possibilidade da eclipse resulta da tendência a desnasalar as sílabas átonas finais; esta tendência é especialmente forte nos finais em /e(n)/ átono, escrito *-em*, e na preposição átona *com*. Utilizam-na frequentemente poetas tanto portugueses como brasileiros, indicando na escrita a eclipse por apóstrofo [...] que a ortografia oficial o mais das vezes suprimiu (Câmara Jr., 1985, p. 103).

Em uma perspectiva histórica, há poucos estudos disponíveis sobre esse fenômeno, mas Cunha (1961, p. 87), tratando conjuntamente dessa questão, esclarece que “[e]mbora não muito comum, a contração de *vogal nasal + vogal* (oral ou nasal) é fato documentável em todas as épocas do idioma” e apresenta exemplos de D. Dinis (sécs. XIII-XIV), do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (sécs. XV e XVI), de Bernardim Ribeiro (sécs. XV e XVI), de Cristóvão Falcão (séc. XVI) e de Camões (séc. XVI). O próprio Cunha chama a atenção para a interpretação dada por Vasconcellos (1885) sobre esse fenômeno na edição que ela fez da obra de Sá de Miranda (sécs. XV e XVI), autor que também faz uso da forma contrata *co(s)*:

³ Esses valores se referem a dados igualmente extraídos da base do *Corpus do Português*.

Esta absorção da nasal não foi introduzida, como dizem todos os portugueses, pelo classista Ferreira, á imitação do costume latino; nasceu espontaneamente em Portugal, como se conhece pela litteratura trobadoresca e pela poesia popular portugueza. N'uma lingua, em que havia e ha palavras com formas duplas, nasalizadas e sem nasal, que se empregavam indistinctamente [como *mi mim, assi assim, home homem, boo bo e boom bom, co com, soo soom som* etc.] o costume de abandonar e reassumir a nazalização *ad libitum*, conforme as necessidades do metrificador, devia nascer naturalmente” (Vasconcellos, 1885, n. 2, p. CXXI)⁴.

Sândi externo

Segundo Bisol (1996, p. 159-161), o sândi externo “em qualquer de suas manifestações, elisão, ditongação ou degeminação, é um processo de ressilabação”, ou seja, “agregar consoantes em torno de picos de sonoridades, que projetam sílabas”. Na *elisão*, há o apagamento da vogal em posição átona de final de palavra quando a seguinte se inicia por vogal de qualidade diferente (cf. *camis[a u]sada > camis[u] sada*); na *ditongação*, há a formação de ditongo com a referida vogal final e com a inicial da palavra seguinte, desde que uma das vogais seja alta e átona (cf. *camis[a u] sada > camis[aw]sada*); e, por fim, na *degeminação*, há fusão de duas vogais idênticas (cf. *camis[a a]marela > camis[a]marela*).

Em estudo sobre sândi vocálico externo em cantigas do português arcaico, Massini-Cagliari (2015), retomando discussão anteriormente realizada por Cunha (1961) em relação a cantigas profanas, apurou o seguinte padrão de resolução dos encontros vocálicos:

Tabela 2 – Sândi no português arcaico⁵.

Processos de Sândi	Cantigas Profanas	Cantigas de Santa Maria	Quantidade (%)
Elisões	848 (21,4%)	1241 (31,4%)	2089 (52,8%)
Hiatos	418 (10,6%)	1388 (35,1%)	1806 (45,7%)
Ditongos	51 (1,3%)	10 (0,2%)	61 (1,5%)
Total	1317 (33,3%)	2639 (66,7%)	3956 (100%)

Fonte: Massini-Cagliari (2015, p. 226).

⁴ Na própria *Peregrinação* se encontra caso de variação em relação a nasal: cf. *o pobre de my* (f. 2ra37-38) × *o pobre de mym* (f. 6va26).

⁵ Deve-se assinalar aqui que, no estudo de Massini-Cagliari (2015) sobre encontros vocálicos, não há referência a casos de palavra terminada por vogal nasal, o que permite inferir, portanto, que não foram considerados na análise.

Vê-se claramente, pela **Tabela 2**, que a elisão é o processo de sândi mais recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas, embora seja preponderante (e fortemente) nas cantigas profanas, mas não nas religiosas (Massini-Cagliari, 2015, p. 226-227).

Levando em conta a questão da *qualidade da vogal átona final*, foram observadas diferenças significativas quando se trata de sândi com /a/+a/ (com mais restrições) e de /e/ ou /o/ + qualquer vogal (com menos restrições): Massini-Cagliari (2015, p. 233) interpretou que “[n]o segundo caso, trata-se do processo clássico de elisão; já no primeiro caso, o processo observado é a crase entre vogais de mesma qualidade”. Para Massini-Cagliari (2015, p. 235), o caso de /a/+a/ seria crase, porque “não pressupõe a simplificação da sílaba, considerando que as duas moras, correspondentes a cada uma das vogais /a/ que se fundem, se mantêm”. A pesquisadora assinala que considera esse fenômeno diferente do que Bisol (1996) havia interpretado, para o português brasileiro, como *degeminação*, porque, neste último, ocorrem os processos de (a) perda da fronteira silábica, (b) fusão entre as vogais, (c) ressilabificação e (d) incorporação (reassociação do *onset* silábico): tais processos formariam uma vogal “geminada” e, por isso, haveria a necessidade de sua degeminação (encurtamento). Nos casos específicos de palavra terminada em /o/ antes de palavra iniciada por /o/ (contexto pertinente para a presente discussão sobre a forma contrata *co(s)*), a distribuição nas cantigas profanas e religiosas é de 70 ocs. (61,4%) de elisão contra 44 ocs. (38,6%) de hiato (Massini-Cagliari, 2015, p. 229): nota-se, então, que predomina a elisão.

Do *ponto de vista rítmico*, Cunha (1961, p. 42) e Massini-Cagliari (2015, p. 241) concordam em que existe uma forte restrição regulando a ocorrência da elisão: se a vogal da primeira palavra da sequência é tônica, o hiato é a única solução possível. Apesar de Cunha (1961, p. 91) assinalar que a vogal átona de polissílabos se perdia com mais frequência que a de monossílabos, Massini-Cagliari (2015, p. 243) considera que essa perda estava mais relacionada ao grau de tonicidade do monossílabo. Levando em conta o caso de sequências de dois monossílabos, Massini-Cagliari (2015, p. 241) constatou uma distribuição é de 67 ocs. (18,1%) de elisão contra 270 ocs. (73,2%) de hiato e 32 ocs. (8,7%) de ditongo para o contexto de [monossílabo] + [monossílabo formado apenas de vogal] e de 65 ocs. (37,3%) de elisão contra 104 ocs. (59,8%) de hiato e 5 ocs. (2,9%) de ditongo para o contexto de [monossílabo] + [monossílabo formado de vogal e consoante]. Ainda em relação a esse contexto de dois monossílabos, de grande interesse para o presente estudo, a pesquisadora verificou que:

Um dos contextos em que foi detectada *maior variação entre elisão/ crase e hiato* ocorre quando *a primeira palavra ou um monossílabo é seguido por um monossílabo formado por uma única vogal* (que pode corresponder a um artigo definido, a um pronome acusativo, ao corpo da conjunção e ou da preposição a, ou a monossílabos tônicos

formados unicamente por vogal). Nesse contexto, o comportamento dos *corpora* de cantigas profanas e religiosas é inverso, embora a variação exista em ambos os conjuntos de cantigas. Nas cantigas profanas, a solução preferencial dada ao encontro de vogais nesse contexto é a elisão, sendo que há raríssimos casos de hiato [...]. Já nas cantigas religiosas, a solução mais recorrente para encontro de vogais no contexto V átona ou monossílabo seguido de V é o hiato [...] (Massini-Cagliari, 2015, p. 261, grifos nossos).

Massini-Cagliari (2015, p. 248) assinala também a restrição de *natureza morfosintática* registrada por Cunha (1961, p. 92), de que os pronomes *o(s)/a(s)* bloqueiam a elisão no caso da preposição *de*, e interpreta que tinha a finalidade de “diferenciar as sequências *de* + artigo definido de *de* + pronome acusativo”, padrão preconizado pelas gramáticas normativas do português contemporâneo.

Como restrições de *natureza fonotática*, Massini-Cagliari (2015, p. 250-252) menciona para a elisão: (a) apenas uma posição da rima da sílaba final da primeira palavra ter de estar preenchida (razão pela qual em sílaba terminada em ditongo não há elisão); (b) a sílaba da primeira palavra ter de ser aberta (razão pela qual em sílaba travada por consoante não há elisão); e (c) a vogal a ser elidida ter de pertencer a uma sílaba com *onset* preenchido (razão pela qual em monossílabo com apenas uma vogal não há elisão).

Por fim, *do ponto de vista prosódico*, Massini-Cagliari (2015, p. 254) é necessário que as duas palavras envolvidas no sândi pertençam ao mesmo grupo entoacional e sejam pronunciadas sem pausa entre si para poder haver elisão.

Considerando as restrições acima comentadas, Massini-Cagliari (2015, p. 259) conclui que o condicionamento dos fenômenos de elisão (e ditongação) nos *corpora* que examinou é *linguístico* (Massini-Cagliari, 2015, p. 259), pois, em apenas 19,7% dos casos, haveria razões estilísticas. A atuação de fatores que bloqueiam elisão (e ditongação) e, portanto, favorecem hiato, segue o seguinte padrão:

Tabela 3 – Fatores favorecedores de hiato no português arcaico.

Razão do aparecimento do hiato	Quantidade
Qualidade da primeira vogal (<i>i/u</i>)	92 (5,1%)
Sílaba tônica na primeira posição	227 (12,6%)
DE + pronome acusativo	13 (0,7%)
Monossílabos bloqueadores de elisão na primeira sílaba	954 (52,8%)
Primeira vogal em sílaba com <i>onset</i> vazio	84 (4,7%)
Cesura, pausas, mudança de contorno entoacional	39 (2,2%)
Versos irregulares - com sílaba(s) a mais	40 (2,2%)
Razões estilísticas (hiatos opcionais)	357 (19,7%)
Total	1806 (100%)

Fonte: Adaptado de Massini-Cagliari (2015, p. 259).

É de interesse, para o presente estudo sobre a forma contrata *co(s)*, a restrição já mencionada de a sílaba da primeira palavra dever ser aberta. Segundo Massini-Cagliari (2015, p. 251), “uma vogal nasal (considerada como uma sequência de vogal + consoante nasal), mesmo que átona, não pode se elidir com a que a segue”. Tal afirmação choca-se com a asserção de Cunha (1961, p. 92), em seu estudo sobre os trovadores, de que “em caráter exceptivo, admitia-se a fusão silábica de vogal nasal + oral (oral + nasal)”. Ademais, como já mencionado antes, ele mesmo registra que a contração entre vogal nasal e oral é documentável em todas as épocas da língua portuguesa. Essa aparente contradição pode ser superada se se admitir que, nos casos de elisão com vogal nasal na primeira palavra, sempre há também (e primeiramente) o fenômeno de eclipse, o que torna essa sílaba aberta.

Interpretando o fenômeno de sândi externo segundo o modelo da Teoria da Otimidade de Prince e Somlensky (1993) com avanços de Kiparsky (1998, 2000), Massini-Cagliari (2015, p. 263) esclarece que os processos relacionados a esse fenômeno são vistos “como estratégias de reparação de estruturas silábicas menos perfeitas, em direção da obtenção da sílaba universal CV”. Dentre essas estratégias, constam a de ONSET (sílabas com *onset* são melhores), uma restrição de marcação, e a de MAX (elementos no *input* estão igualmente no *output*), uma restrição de fidelidade. No caso do português arcaico, a emergência dos fenômenos de elisão, crase e hiato “resulta da tensão entre a boa formação silábica (restrições de marcação) e a preservação do *input* (restrições de fidelidade)” (Massini-Cagliari, 2015, p. 276).

Fundamentação teórica

O reconhecimento contemporâneo de que a variação linguística é constitutiva das línguas humanas naturais está na base da formação da atual teoria da variação. Entende-se por *variação* o processo em que falantes empregam formas alternativas (ou seja, *variantes*) para exprimir um mesmo conteúdo (Labov, 2008, p. 2). O desenvolvimento recente da teoria da variação está fortemente vinculado aos trabalhos no campo da sociolinguística desenvolvidos por William Labov (Labov, 1972, 1994, 2001, 2005). Tais estudos foram desenvolvidos dentro de um quadro mais geral voltado para a busca de fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1982). Do ponto de vista historiográfico, a teoria da variação surgiu como contraponto às teorias estruturalista e gerativista, em que se pressupunha a existência de homogeneidade no interior dos sistemas linguísticos e se trabalhava com um falante-ouvinte ideal (Tarallo, 1986, p. 6-7).

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa no campo de teoria da variação é feita a partir de identificação de uma *variável dependente*, ou seja, do conjunto de formas que são utilizadas alternativamente para expressar o mesmo em uma comunidade de fala. Após feita uma coleta de dados com ocorrências dessa variável, faz-se uma análise de cada dado tendo em vista as *variáveis independentes*, ou seja, os fatores

que se considera estarem condicionando a seleção entre as formas da variável dependente. Na perspectiva laboviana, o estudo da variação é feito tendo em conta tanto fatores *intra*linguísticos (fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, etc.) quanto *extra*linguísticos (sexo/gênero, faixa etária, estilo, etc.). Dois aspectos distintivos nesse quadro de análise são sua natureza empírica e quantitativa:

Variáveis linguísticas ou regras variáveis não são em si mesmas uma “teoria de linguagem”. Elas são, todas, recursos heurísticos. Mas não é acidental que a teoria linguística tenha se beneficiado da análise de maneiras variáveis de dizer a mesma coisa. Métodos poderosos de comprovação procedem de estudos quantitativos, e esse fato é por si só um dado significativo para a nossa compreensão da estrutura e da função da linguagem (Labov, 1978, p. 1, tradução nossa).

Dentro de uma comunidade de fala, as variantes podem receber diferentes avaliações: uma variante pode ser considerada de *prestígio*, ou seja, forma que está de acordo as normas de fala de um grupo socialmente privilegiado, e uma outra pode ser considerada *estigmatizada*, porque recebe avaliação negativa dos falantes. Ademais, considera-se como *inovadora* uma variante linguística que esteja em processo de ampliação de seu uso do ponto de vista histórico, por oposição à variante *conservadora*, forma pré-existente à sua contraparte.

A competição entre variantes pode apresentar diferentes resultados ao longo do tempo. Pode ocorrer (a) prevalência da inovadora frente à conservadora, (b) prevalência da conservadora frente à inovadora ou mesmo (c) a permanência de ambas por longo tempo:

As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece (Mollica, 2003, p. 11).

Hipóteses de trabalho

Considerando os resultados apurados por Massini-Cagliari (2015) quanto a encontros vocálicos na lírica do português arcaico, embora elisão fosse mais comum do que hiato de forma geral (Massini-Cagliari, 2015, p. 226) e também em sequências de /o/+/o/ (Massini-Cagliari, 2015, p. 229), ela era menos comum quanto se tratava de sequência de dois monossílabos (Massini-Cagliari, 2015, p. 241), por isso hipotetiza-se aqui que:

- a. a forma contrata *co(s)*, com elisão, deve ser *menos comum* do que a não contrata *com o(s)*, sem elisão, na *Peregrinação*, uma vez que se trata de sequência de dois monossílabos, contexto em que, no português arcaico, predominava hiato;

- b. existe *variação* entre a forma não contrata e a contrata no português quinhentista da obra *Peregrinação*, já que a variação é um fenômeno universal e, especificamente no caso de sândi entre de dois monossílabos, ela já existia no português arcaico; e
- c. constatada a variação entre forma não contrata e contrata na *Peregrinação*, essa variação deve ser regulada predominantemente por fatores *linguísticos*, tal como acontecia no português arcaico.

Metodologia

Corpus

Este estudo faz parte de uma pesquisa para a elaboração de uma gramática do português clássico baseada no texto da *Peregrinação* (1614), de Fernão Mendes Pinto (ca. 1510-1583)⁶. Trata-se de um texto que atesta o uso linguístico escrito, mas com traços de oralidade, de um falante culto da variante da região de Lisboa na faixa etária de 60 anos, em um estilo mais ou menos informal (Cambraia, 2000, p. 1359). O texto se reveste de relevância linguística, pois se trata de uma narrativa extensa em prosa e com evidências de representação de marcas linguísticas próprias de diferentes grupos sociais em função de uma grande sensibilidade linguística do autor (Cambraia, 2003, p. 114). A edição adotada como ponto de partida para este trabalho foi a edição digital da *Biblioteca Virtual dos Autores Portugueses* (Pinto, 1998), confrontada com a edição *princeps* de 1614 sempre que necessário, em função da constatação de erros que foram corrigidos⁷ (consultou-se a *fac-símile* digital do exemplar de cota 393924-C da Biblioteca Nacional Austríaca).

Procedimentos

Fez-se a coleta de todas as ocorrências da forma contrata *co(s)* e de sua contraparte não contrata *com o(s)*. Coletaram-se apenas as formas de masculino, pois, como já esclarecido, no caso de feminino, não ocorre a contração, mas sim apenas a eclipse. A variável dependente composta das variantes *forma não contrata* × *forma contrata* foi classificada levando em conta seis variáveis independentes:

- a. número do segundo elemento (*singular* ou *plural*);
- b. classe de palavra do segundo elemento (*artigo* ou *pronome*);

⁶ Este estudo foi realizado no quadro do Projeto “Para uma gramática do português clássico: o sintagma nominal e suas funções na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto [fase I]”, com bolsa de Produtividade em Pesquisa, 2021-2024, e de Iniciação Científica, 2021-2023, ambas do CNPq.

⁷ Como erros graves, constam cinco repetições no lugar do texto correto: f. 51v (cap. 48) repetido no lugar do f. 59v (cap. 55); f. 72r (cap. 65) no lugar do f. 75v (cap. 68); f. 111r (cap. 97) no lugar do f. 112v (cap. 98), f. 126v (cap. 107) no lugar do f. 127v (cap. 108) e f. 163v (cap. 136) no lugar do f. 165r (cap. 137) (Cambraia; Leite, 2022).

- c. função sintática do sintagma preposicionado⁸ (*complemento nominal, adjunto adnominal, complemento verbal, adjunto adverbial, predicativo do sujeito e predicativo do objeto direto*);
- d. estrutura do sintagma nominal interno ao sintagma preposicionado (*substantivo/adjetivo⁹, verbo, pronome relativo, pronome indefinido, pronome possessivo ou ausente*)¹⁰;
- e. primeiro fonema após o segundo elemento (*vogal ou consoante*); e
- f. localização na obra (*título de capítulo ou texto de interior de capítulo*).

Algumas dessas variáveis decorrem de sua pertinência observada por Massini-Cagliari (2015) em seu estudo sobre a lírica medieval, como é o caso das variáveis em (a) e (b)¹¹, mas outras, como (c), (d) e (e), foram eleitas com base no contato com os dados de uma forma mais geral. Por fim, a variável (f), que se diferencia das demais por não ser uma variável estrutural, foi eleita tendo em conta a polêmica existente quanto ao fato de os títulos de capítulo da obra serem ou não de autoria de Fernão Mendes Pinto (Cambaia; Cunha, 2023). Os dados foram processados no Goldvarb para identificação das variáveis consideradas significativas e obtenção dos pesos relativos.

No que se refere à questão já assinalada na seção anterior quanto à dificuldade de identificar a existência ou não de forma contrata no singular (em função da existência de variação na nasalidade da preposição *com* ao longo da história da língua portuguesa), verificou-se que, especificamente na *Peregrinação*, não há nenhuma ocorrência dessa preposição sem a nasalidade em outros contextos, razão pela qual se considerou que toda ocorrência de *co* era efetivamente um caso de contração entre as formas *com* e *o*, e nunca de preposição desnasalizada seguida, por exemplo, apenas de substantivo (caso chamado na literatura moderna de *bare noun*). Por essa razão, também não se considerou que casos do tipo *co que* fossem ocorrências apenas de preposição desnasalizada e pronome relativo¹², mas sempre da preposição *com*, do demonstrativo *o* e do relativo *que*.

⁸ No caso de orações relativas, considerou-se a função sintática exercida em relação ao verbo que selecionou a preposição *com*.

⁹ Substantivos e adjetivos foram classificados como uma só categoria, porque, além da problemática antiga de diferenciá-los, os adjetivos encontrados nos dados eram essencialmente formas pátrias com uso já bem assentado como substantivo.

¹⁰ Esta categoria será explicada mais detidamente na seção de descrição e discussão dos dados a seguir.

¹¹ Nesse caso, a forma de singular corresponde ao que Massini-Cagliari (2015) classificou como monossílabo V e a de plural como VC.

¹² Na *Peregrinação*, há efetivamente ocorrências da preposição *com* (com nasalidade) seguida apenas do relativo *que* (estrutura, portanto, sem o demonstrativo *o*): cf. “[...] & com esta resposta foy o Bramene despidido, a quem o Capitão mòr deu hũa peça de chamallote verde, & hum chapeo

Descrição e discussão dos dados¹³

A coleta de dados realizada permitiu verificar a presença de 507 ocorrências da sequência composta pela forma *com* + a forma *o(s)*¹⁴, como se pode ver pela [Tabela 4](#) a seguir¹⁵:

Tabela 4 – Sequência *com* + *o(s)* na *Peregrinação*.

Forma não contrata	51 (10%)
Forma contrata	456 (90%)
Total	507 (100%)

Os dados da [Tabela 4](#) contrariam claramente a primeira hipótese de trabalho do presente estudo: ao contrário do visto em relação à lírica medieval, as formas com elisão (e, portanto, as contrata) são *as mais comuns* na *Peregrinação*.

A princípio, poder-se-ia pensar que o fato de a forma contrata pressupor um segundo processo, que é o de eclipse, deveria aumentar a resistência à elisão (pois seria um fenômeno mais complexo), mas o resultado verificado é que, mesmo assim, a presença de elisão é majoritária.

Uma possível explicação para a diferença entre os dados do português arcaico e os da *Peregrinação* é o fato de, no período do português médio (fins do séc. XIV a meados do séc. XVI), ter ocorrido a crase de hiatos de vogais iguais no português. Assim como a crase atingiu internamente as palavras (cf. COLORE- > *coor* > *cor*, PEDE- > *pee* > *pé*, MALA > *maa* > *má*, etc.), terá atingido também casos de hiato em fronteira de palavras (então, *co o(s)* > *co(s)*).

Mas a referência apenas ao fenômeno da crase do português médio não é suficiente para explicar a forma contrata de *com* + *o(s)* na *Peregrinação*, porque os dados desta obra (cf. [Tabela 4](#)), também se chocam com os da [Tabela 1](#), relativos ao conjunto de textos da base do *Corpus do Português*, pois, nesta última tabela, a frequência de contrata no séc. XVI é de aprox. 15% e naquela tabela, para a *Peregrinação*, é de 90%.

forrado de citim cramesim, *com que* foy muyto contente [...]” (Pinto, 1614, f. 9va40-9vb5, grifos nossos). Tal padrão já existia no português arcaico (Huber, 1986, p. 195).

¹³ Os autores agradecem aos pareceristas anônimos por suas críticas, as quais permitiram um melhor desenvolvimento do texto como um todo.

¹⁴ Em nome da simplicidade, faz-se aqui referência à forma não contrata sempre como *com o(s)*, mas deve-se assinalar que ocorre também a variante gráfica *cô o(s)*, que é muito menos comum (há apenas 12 ocorrências dentre os 51 dados de não contrata).

¹⁵ A título de curiosidade, verificou-se, quanto às formas com feminino, que há a presença de um número um pouco menor: 400 ocorrências, todas com forma não contrata, como já esclarecido: há 2 ocs. de *coa* e 398 de *com a(s)*. Também ocorre apenas forma não contrata quando se trata do alomorfe *el* do artigo definido masculino, que só acompanha o substantivo *Rey* (há 17 ocs. de *com/cô el Rey*), mas, quando é o alomorfe *o* do artigo definido masculino acompanhando esse substantivo, sempre ocorre a forma contrata *co Rey* (11 ocs.).

Se apenas o fenômeno da crase do português médio fosse o responsável pelo fenômeno em estudo, todos os demais textos a partir de então deveriam apresentar a forma contrata, e não é o que se constata.

Tal constatação parece indicar que se esteja diante de um padrão idiossincrático, ou seja, de um padrão específico da obra em questão. A especificidade pode decorrer: (a) de esta obra estar em prosa (diferentemente da maioria dos outros textos da base do *Corpus do Português*, que estão em verso) e/ou (b) de haver uma maior proximidade da oralidade na *Peregrinação* e, justamente por isso, haver maior representação de fenômenos de fonética sintática. Essa proximidade foi defendida por Monteiro (1952-1953):

Se o leitor de hoje encontra dificuldade na leitura de Fernão Mendes Pinto, é em parte pelas mesmas razões que nos tornariam difícil dialogar com um homem do seu tempo; é que *ele partiu da língua falada*, e a sua narração, na própria enormidade dos períodos, até na frequente incorrecção sintática, é o monólogo do homem que se põe a contar, ao canto do lume, para encher serões intermináveis, todo o passado que lhe vem à memória. *Ele escreve como teria falado*, como porventura muitas vezes terá feito, perante vizinhos, perante amigos, perante a família reunida à sua volta, todos desejosos de ouvir aquelas coisas maravilhosas e extraordinárias do «cabo do mundo». (Monteiro, 1952-1953, v. 1, p. 8, grifos nossos).

Para poder processar os dados no Goldvarb foi necessário excluir todos os casos de comportamento categórico (ou *knockout* na terminologia do programa) em relação às variáveis independentes.

Os dois primeiros casos de comportamento categórico dizem respeito à estrutura do sintagma nominal (SN) interno ao sintagma preposicionado (SP)¹⁶. Foram consideradas as seguintes classes na análise:

substantivo/adjetivo [= SA]:

- (03) [...] num banquete destes em ã todos os noue nos achamos *co Embaixador* [...] (Pinto, 1614, f. 211va1-3, grifos nossos)¹⁷
- (04) [...] naturalmente todos são bem inclinados, & caridosos no conuersar & comunicar *cos estrangeyros* [...] (Pinto, 1614, f. 207rb21-24, grifos nossos)

¹⁶ Esta variável visa a dar conta da natureza do elemento que ocupa a posição de núcleo. Quando este não se realiza formalmente, considera-se então o elemento que acompanha imediatamente a forma *o(s)* dentro do SN. Classificou-se como *ausente* o caso em que, após a a forma *o(s)*, se segue um SP, e não um elemento das sete demais classes.

¹⁷ Todas as transcrições neste trabalho seguem a forma presente na edição *princeps* de 1614.

verbo [= Vb]:

- (05) [...] & com o fazerdes assi atalhareis o effeito da tenção deste inimigo
[...] (Pinto, 1614, f. 30ra1-2, grifos nossos)

pronome relativo [= R]:

- (06) [...] por ser o escuro grande, & a gente estar muyto cansada, se con-
têto co que tinha feito [...] (Pinto, 1614, f. 16rb36-38, grifos nossos)

pronome indefinido [= I]:

- (07) [...] hũs Reys tratão cos outros por suas embaixadas [...] (Pinto, 1614,
f. 222ra23-24, grifos nossos)

pronome possessivo [= P]:

- (08) [...] fez logo hũa armada de dez vellas para yr pelejar cos nossos [...] (Pinto, 1614, f. 177ra35-36, grifos nossos)

f) numeral [= N]:

- (09) [...] se meteo cos seis que leuaua por dentro do aruoredo do bosque
[...] (Pinto, 1614, f. 87rb12-14, grifos nossos)

ausente [= A]:

- (10) [...] realmête posso afirmar q̃ se iguala com o da Ethiopia, & da terra do Preste Ioão. (Pinto, 1614, f. 98vb30-32, grifos nossos)

O comportamento da sequência *com + o(s)* de acordo com esse aspecto pode ser visto com base nos dados da **Tabela 5** abaixo:

Tabela 5 – Sequência *com + o(s)* na Peregrinação por estrutura do SN.

	SA	Vb	R	I	P	N	A	Total
Forma não contrata	19 (5%)	7 (100%)	14 (32%)	8 (23%)	–	2 (67%)	1 (33%)	51 (10%)
Forma contrata	387 (95%)	–	30 (68%)	27 (77%)	9 (100%)	1 (33%)	2 (67%)	456 (90%)
Total	42 (100%)	7 (100%)	44 (100%)	35 (100%)	9 (100%)	3 (100%)	3 (100%)	507 (100%)

Os dados mostram que, quando se tratava de um SN com verbo no infinitivo como núcleo, ocorreu apenas a forma não contrata. Tal comportamento mostra uma alta sensibilidade ao aspecto sintático na determinação da presença ou não da forma contrata. Poder-se-ia considerar que a questão diz respeito ao fato de a forma *com* atuar como conjunção por introduzir oração, mas o constituinte que se segue ao *com* apresenta artigo, indicando, pois, sua natureza nominalizada, fato reiterado por se tratar de verbo no infinitivo, que é forma verbo-nominal. É interessante lembrar que, em gramáticas normativas modernas, se prescreve a ausência de combinação entre preposição e artigo em contexto correlato, talvez inspirada justamente por padrões de épocas pretéritas:

Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos de sua aglutinação na prática dos melhores escritores [...] (Cunha; Cintra, 1985, p. 203).

Além disso, quando se tratava de SN em que não havia núcleo realizado formalmente e se seguia à forma *o(s)* um pronome possessivo, ocorreu, inversamente, apenas a forma *contra*. Na *Peregrinação*, são muito frequentes as ocorrências de SN formados apenas por artigo e possessivos (em especial, *os nossos* e *os seus*).

Um terceiro caso de comportamento categórico se refere à função sintática exercida pelo SP encabeçado por *com*. No *corpus*, esse SP ocorre nas seis seguintes funções:

Complemento nominal (de substantivo ou de adjetivo) [= CN]:

(11) Não se acabaraõ por aquy as disputas do nosso sãto padre co bózo Fucarãdono [...] (Pinto, 1614, f. 281vb1-3, grifos nossos)

(12) [...] o moço se mostrou muyto contente co que lhe tinhaõ dado [...] (Pinto, 1614, f. 81vb1-3, grifos nossos)

Adjunto adnominal de substantivo [= AN]:

(13) [...] tinha no meyo hũa tribuna redonda feyta â proporção da mesma casa daltura de quinze degraos, fechada em roda com seis ordês de grades de prata cos nós dourados [...] (Pinto, 1614, f. 99va13-18, grifos nossos)

c) Complemento verbal (objeto indireto) [= CV]:

(14) [...] por onde se diga que não cumpres com o que juraste neste santo auto [...] (Pinto, 1614, f. 234ra19-21, grifos nossos)

Adjunto adverbial [= AV]:

(15) [...] com infinidade de cobras de capello, & outras de sardas, verdes, & pretas, tão peçonhentas que co bafo somente mataõ. (Pinto, 1614, f. 24va36-39, grifos nossos)

e) Predicativo do sujeito [= PS]:

(16) [...] estádo todo o pouo posto ã joelhos, cos olhos no Ceo, & as mãos aleuantadas [...] (Pinto, 1614, f. 217rb11-13, grifos nossos)

f) Predicativo do objeto direto [= PO]:

(17) [...] como elle estaua muyto fraco, & trazia a cabeça aberta cos miolos todos pisados, & quasi podres [...] (Pinto, 1614, f. 24va10-12, grifos nossos)

O comportamento da sequência *com + o(s)* de acordo com esse aspecto pode ser visto com base nos dados da **Tabela 6**, a seguir:

Tabela 6 – Sequência *com + o(s)* na *Peregrinação* por função do SP.

	CN	AN	CV	AV	PS	PO	Total
Forma não contrata	–	–	11 (6%)	40 (16%)	–	–	51 (10%)
Forma contrata	42 (100%)	8 (100%)	165 (94%)	213 (84%)	19 (100%)	9 (100%)	456 (90%)
Total	42 (100%)	8 (100%)	176 (100%)	253 (100%)	19 (100%)	9 (100%)	507 (100%)

Os dados da **Tabela 6** permitem verificar que a forma não contrata ocorre apenas quando se trata de SP vinculado a verbo, seja como complemento (CV), seja como adjunto (AV). Novamente se verifica um fator de natureza sintática atuando decisivamente na seleção das variantes em estudo. A explicação para esse padrão não parece simples, mas é possível que tenha relação com o aspecto analisado anteriormente: *vínculo a verbo* (seja um infinitivo em estrutura nominalizada, seja uma forma não infinitiva) *aumenta a resistência à contração*.

Excluindo-se os contextos em que há comportamento categórico para a variável em análise, restaram 413 dados em contexto de efetiva variação. Tal constatação confirma *parcialmente*, portanto, a segunda hipótese de trabalho deste estudo: existe variação entre a forma não contrata *com o(s)* e sua contraparte contrata *co(s)* no português quinhentista da obra *Peregrinação*, mas apenas em certos contextos.

Esses 413 dados foram processados no Goldvarb levando em conta 6 variáveis independentes: (a) número do segundo elemento; (b) classe de palavra do segundo elemento; (c) função sintática do SP; (d) estrutura do SN interno ao SP; (e) primeiro fonema após o segundo elemento; e (f) localização na obra.

Primeiramente, o referido programa eliminou dos fatores considerados três variáveis: *número do segundo elemento*, *primeiro fonema após o segundo elemento* e *localização na obra*. As frequências relativas a essas variáveis podem ser vistas na **Tabela 7** que se segue:

Tabela 7 – Sequência *com + o(s)* na *Peregrinação* por variável eliminada.

	Número		Fonema		Localização	
	Sg.	Pl.	C(ons.)	V(og.)	Tít.	Tex.
Forma não contrata	20 (9%)	24 (12,5%)	39 (11%)	5 (7%)	1 (6%)	43 (11%)
Forma contrata	201 (91%)	168 (87,5%)	306 (89%)	63 (93%)	17 (94%)	352 (89%)
Total	221 (53,5%)	192 (47,5%)	345 (83,5%)	68 (16,5%)	18 (4%)	395 (96%)
	413 (100%)		413 (100%)		413 (100%)	

Percebe-se, pelos valores da **Tabela 7**, que as diferenças para forma não contrata e para forma contrata em cada variável são muito pequenas, ficando entre 3,5 e 5 pontos percentuais: certamente isso contribuiu para o Goldvarb não considerar as diferenças estatisticamente significativas.

No que se refere a *número*, aspecto compatível com a análise de Massini-Cagliari (2015, p. 241) em termos de V (cf. a forma de singular *o*) e de VC (cf. a forma de plural *os*), verifica-se uma sutil preferência pela forma contrata no singular, fato inverso ao constatado pela referida pesquisadora na lírica medieval, ou seja, nesta a elisão apresenta taxa mais alta para monossílabo com vogal e consoante (37,4%) – compatível com *o* plural – frente a com vogal apenas (18,2%) – compatível com *o* singular. Mesmo que se considere a diferença na *Peregrinação* não significativa, há sim diferença em relação à lírica, *corpus* em que os valores se opõem por 19,2 pontos percentuais. Poder-se-ia então considerar que a *Peregrinação* se opõe à lírica mais propriamente por esse fator deixar de ser significativo naquela em relação a esta.

No que diz respeito ao *primeiro fonema após o segundo elemento*, aspecto ausente do estudo de Massini-Cagliari (2015), a ausência de diferença significativa na *Peregrinação* evidencia que se trata de um processo não afetado foneticamente pela palavra que sucede o segundo elemento (seja este artigo definido, seja este pronome).

Por fim, quanto à *localização a obra*, a ausência de diferença significativa apenas reitera a interpretação apresentada por Cembraia e Cunha (2023) de que os títulos dos capítulos devem ser, em sua maioria, do próprio Fernão Mendes Pinto, razão pela qual os padrões nos títulos de capítulo são tão semelhantes aos do texto de interior de capítulo.

Em segundo lugar, o referido programa selecionou como fatores considerados significativos as três demais variáveis: *classe de palavra do segundo elemento*; *função sintática do SP* e *estrutura do SN interno ao SP*. As frequências concernentes a essas variáveis podem ser vistas na **Tabela 8** que se segue:

Tabela 8 – Sequência com + *o(s)* na *Peregrinação* por variável selecionada: frequência.

	Classe		Função			Estrutura			
	Art.	Pron.	CV	AV	SA	R	I	N	A
Forma não contrata	29 (8%)	15 (43%)	11 (6,5%)	33 (13,5%)	19 (6%)	14 (41%)	8 (24%)	2 (67%)	1 (33%)
Forma contrata	349 (92%)	20 (57%)	157 (93,5%)	212 (87%)	321 (94%)	20 (59%)	25 (76%)	1 (33%)	2 (67%)
Total	378 (91,5%)	35 (8,5%)	168 (41%)	245 (59%)	340 (82%)	34 (8%)	33 (8%)	3 (1%)	3 (1%)
	413 (100%)		413 (100%)			413 (100%)			

Os pesos relativos calculados foram:

Tabela 9 – Sequência *com + o(s)* na *Peregrinação* por variável selecionada: peso relativo.

	Classe		Função			Estrutura			
	Art.	Pron.	CV	AV	SA	R	I	N	A
Forma contrata	0.569	0.048	0.785	0.291	0.571	0.476	0.096	0.053	0.025

Como se vê pelos pesos relativos, a forma inovadora do ponto de vista histórico, ou seja, a forma contrata, é *favorecida*:

- i. quando a classe do segundo elemento é artigo (PR 0.569);
- ii. quando o SP exerce a função sintática de complemento adverbial (PR 0.785); e
- iii. quando o núcleo do SN interno ao SP é substantivo/adjetivo (PR 0.571).

Por outro lado, a forma contrata é *desfavorecida*:

- i. quando a classe do segundo elemento é pronome (PR 0.048);
- ii. quando o SP exerce a função sintática de adjunto adverbial (PR 0.291); e
- iii. quando não há núcleo realizado formalmente no SN interno ao SP e se segue à forma *o(s)* alguma das outras classes: em ordem crescente de desfavorecimento, pronome relativo (0.476), pronome indefinido (0.096), numeral (0.053) ou ausente (PR 0.025).

No estudo de Massini-Cagliari (2015, p. 248), verificou-se que o pronome acusativo precedido da preposição *de* atuava como bloqueador de elisão no português arcaico, fato compatível a constatação anterior de Cunha (1961, p. 91). Vê-se, portanto, que há certa relação desse fato com o caso em estudo, pois, embora a forma *o(s)* não ocorra como pronome acusativo no contexto de *com + o(s)*, pode sim ser pronome, mas demonstrativo. Enfim, pertencer à classe de pronome era fator atuante no português quinhentista no desfavorecimento da forma contrata (e, portanto, de elisão), mas não era forte o suficiente para determinar um comportamento categórico, existindo, então, variação, como nos casos abaixo com o pronome demonstrativo *os* (em ambos os exemplos, o SP aparece igualmente na função de AV da oração subordinada):

- (18) [...] por então não quiz arriscar mais que sôs dez mil cruzados de emprego, com os quais mandou hum Mouro natural dahy de Malaca para os beneficiar. (Pinto, 1614, f. 13vb24-28, grifos nossos)
- (19) [...] me mandou dar duzêtos taeis para o caminho, cos quais me fiz prestes o mais depressa que pude [...] (Pinto, 1614, f. 161va31-34, grifos nossos)

Os dois outros fatores selecionados como significativos não foram considerados no estudo de Massini-Cagliari (2015), não sendo possível, assim, verificar-se se se trata de uma continuidade ou inovação em termos de condicionamentos.

O fato de a função de complemento adverbial favorecer a forma contrata apresenta certa surpresa, pois, em termos de predicação, o vínculo do SP com o verbo na função de CV é mais forte (trata-se de argumento interno) do que na função de AV (trata-se de um constituinte por adjunção) e, se, como visto, vínculo a verbo (seja um infinitivo em estrutura nominalizada, seja uma forma não infinitiva) aumenta a resistência à contração, então deveria haver mais resistência à contração na função de CV do que de AV.

No que se refere à estrutura do SN interno ao SP, percebe-se que há novamente relevância da classe dos pronomes, sejam relativos, sejam indefinidos, em termos de desfavorecimento da forma contrata. Enquanto o pronome relativo apresenta leve desfavorecimento (PR 0.476), já o pronome indefinido o apresenta forte (PR 0.096). Poder-se-ia imaginar que o indefinido desfavoreceria a forma contrata pelo fato de a forma *outro(s)* iniciar-se justamente por vogal igual à da forma contrata, mas, quando se trata de singular (*co outro*), as duas únicas ocorrências são apenas de forma contrata. Então a questão é condicionada mais por fator morfossintático do que propriamente fonológico.

Considerações finais

O presente estudo enfocou o comportamento linguístico da sequência *com + o(s)* no português quinhentista da obra *Peregrinação*. Foram testadas três hipóteses:

A primeira hipótese foi a de que a forma contrata *co(s)*, com elisão, deveria ser menos comum do que a não contrata *com o(s)*, sem elisão. Essa hipótese não foi confirmada, pois a forma contrata ocorreu de forma fortemente majoritária (90% dos casos), fato provavelmente determinado pela maior proximidade da língua do texto à oralidade.

A segunda hipótese foi a de que existiria variação entre a forma não contrata e a contrata, já que a variação é um fenômeno universal e, especificamente no caso de sândi entre dois monossílabos, ela já existia no português arcaico. Essa hipótese foi parcialmente confirmada, já que se identificou que há contextos em que não ocorre variação (SN com núcleo composto de verbo no infinitivo ou SN sem núcleo realizado formalmente e com a forma *o(s)* seguida de pronome possessivo; e SP nas funções de complemento nominal, adjunto adnominal, predicativo do sujeito e predicativo do objeto direto), mas também contextos em que ela ocorre (demais contextos).

A terceira hipótese foi a de que, constatada variação entre forma não contrata e contrata, ela deveria ser regulada predominantemente por fatores linguísticos. Essa hipótese foi confirmada, uma vez que três variáveis estruturais se mostraram estatisticamente significativas: classe de palavra do segundo elemento, função sintática do SP

e estrutura do SN interno ao SP. Verifica-se, portanto, que fatores morfossintáticos são de grande importância no condicionamento desse caso de variação linguística.

Considerando que o padrão encontrado na *Peregrinação* apresenta discrepância em relação ao verificado em outros textos do mesmo século na base do *Corpus do Português* (em que as formas contratas são minoritárias), reforça-se, assim, a importância de se dedicar especial atenção à língua da obra de Fernão Mendes Pinto, atenção que Silva Neto (1957, p. 342) já considerava urgente há mais de meio século atrás! Naturalmente, a descrição da língua dessa obra é apenas uma modesta contribuição para a elaboração de uma gramática do português clássico, já que há grande produção linguística da época que também precisa ser descrita para um conhecimento mais abrangente da língua desse período.

Referências

BISOL, L. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 159-168, jun. 1996. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15601>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAMBRAIA, C. N. Contributo para uma gramática do português clássico: a linguagem da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, II, Florianópolis, 25 a 27 de fevereiro, 1999. *Anais [...]*. Florianópolis: Abralín, 2000. p. 1355-1362. 1 CD-ROM.

CAMBRAIA, C. N. Mudança interrompida na história do português: *nós outros e vós outros*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, II, Fortaleza, 13 a 16 de março, 2001. *Anais [...]*. Fortaleza: UFC, 2003. v. 1, p. 112-114. Disponível em: https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. Acesso em: 26 jul. 2023.

CAMBRAIA, C. N.; CUNHA, E. L. T. P. Atribuição de autoria em discussão: o caso dos títulos dos capítulos da *Peregrinação*. *Confluência*, Rio de Janeiro, v. 64, p. 65-130, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.1311>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CAMBRAIA, C. N.; LEITE, R. C. S. Aplicação estendida de analisador computacional na extração de sintagmas nominais em textos antigos: um estudo de caso. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 15, e37557, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2022.37557>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CAMBRAIA, C. N.; RAMALHO, V. H. B.; STRADIOTO, S. A. Gramaticalização e lexicalização no limite: demonstrativos românicos. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 16, p. 33-67, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2238-3824.16.2.33-67>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CUNHA, C. *Estudos de poética trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed., 5. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

KIPARSKY, P. Opacity and cyclicity. *The Linguistic Review*, Dordrecht, v. 17, n. 2, p. 351-365, jan. 2000.

KIPARSKY, P. *Paradigm effects and opacity*. Stanford, CA: Stanford University, 1998.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (ed.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 2005.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Quantitative reasoning in Linguistics*. Philadelphia, 2008. 25 p. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/QRL.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2023.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, Austin, n. 44, p. 6-23, 1978. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED157378>. Acesso em: 26 jul. 2023.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: desvendando a prosódia medieval*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MONTEIRO, A. C. Prefácio. In: PINTO, F. M. *Peregrinaçam = Peregrinação*. Versão integral em português moderno por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa; Rio de Janeiro: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro; Casa do Estudante do Brasil, 1952-1953. 2 v. Disponível em: <http://purl.pt/26736>. Acesso em: 26 jul. 2023.

NOGUEIRA, J. *Dicionário e gramática de "Os Lusíadas"*. Lisboa: Livraria Freitas Bastos, 1960.

OLIVEIRA, F. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde, 1536. Disponível em: <https://purl.pt/120>. Acesso em: 26 jul. 2023.

PINTO, F. M. *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto* [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1614. Disponível em: <http://data.onb.ac.at/rep/104A70DB>. Acesso em: 26 jul. 2023.

PINTO, F. M. Peregrinação. In: CASTRO, I.; AMADO, T.; RIBEIRO, C. A.; MOURÃO, P. (coord.). *Biblioteca virtual dos autores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998. 1 CD-ROM, d. 2.

PRINCE, A. S.; SMOLENSKY, P. *Optimality theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Newark, NJ: Rutgers University, 1993.

SILVA NETO, S. da. *Manual de filologia portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

TARALLO, F. *A pesquisa sócio-linguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 5. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1993.

VASCONCELLOS, C. M. de. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Halle: Max Niemeyer, 1885. Disponível em: <https://purl.pt/23578>. Acesso em: 26 jul. 2023.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.